

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LITERATURA  
PROVA DE SELEÇÃO PARA O MESTRADO - INGRESSO 2024**

**SUBÁREA DE LITERATURA BRASILEIRA E TEORIA DA LITERATURA**

**BANCA: PROFS. ADALBERTO MÜLLER, PASCOAL FARINACCIO E STEFANIA CHIARELLI**

**Tempo de duração da prova: 4 horas**

Escolha apenas **uma** das questões abaixo (de Literatura Brasileira **ou** Teoria da Literatura) e responda:

**Questão de Literatura Brasileira:**

O conto "Rolézim", que integra a coletânea *O sol na cabeça* (2018), de Geovani Martins, discorre sobre jovens da periferia do Rio de Janeiro que vão fazer um passeio - "rolézim" - na Zona Sul da cidade e acabam detidos e revistados pela polícia. Comente a passagem abaixo, considerando a presença da oralidade no texto e estabelecendo relações com a temática da violência presente de forma recorrente na tradição da narrativa urbana brasileira:

"Quando nós tava quase passando pela fila que eles armaram com os menó de cara pro muro, o filho da puta manda três encostar também. Aí veio com um papo de quem tivesse sem dinheiro de passagem ia pra delegacia, quem tivesse com muito mais que o da passagem ia pra delegacia, quem tivesse sem identidade ia pra delegacia. Porra, meu sangue ferveu na hora, sem neurose. Pensei, tô fodido, até explicar pro coroa que focinho de porco não é tomada, ele já me engoliu na porrada.

(...)

Meu corpo todo gelou, parecia que tava feito. Era minha vez. Minha coroa ia ficar sem filho nenhum, sozinha naquela casa. Mentalizei Seu Tranca Rua que protege minha avó. Depois o Jesus das minhas tias. Eu não sei como consegui correr, menó, papo reto, meu corpo todo parecia que tava travado, eu tava todo duro, tá ligado? Geral na rua me olhando. Virei a cara pra ver se ainda tava na mira do verme, mas ele já tinha dado as costas pra continuar revistando os menó. Passei batido!"

## Questão de Teoria da Literatura:

Leia atentamente os fragmentos abaixo, e prossiga para a QUESTÃO ÚNICA formulada a seguir:

“A ‘diferOnça’, portanto, é um trocadilho que me senti na obrigação de tentar transformar em conceito, como se eu tivesse comprado um sofá e agora fosse obrigado a construir uma casa em volta; uma tentativa de dar substância a esse conceito de diferOnça, de forma que ele exprimisse uma releitura político-anthropofágica, antropofagicamente política e politicamente antropofágica, dos conceitos de diferença característicos do pós-estruturalismo, presente em Derrida ou (especialmente) Deleuze, pensadores que subverteram a linguagem da diferença, que herdei de minha formação estruturalista. Nesse sentido, pode-se dizer que estou tentando transformar a filosofia da diferença em uma filosofia da diferOnça (uma ‘diferença’ onde ressoe anagramaticamente a ‘fera’ e o ‘fora’, onde se ouça um diferir ferino e feroz) por via de uma retomada da problemática geral da antropofagia, no espaço entre, de um lado, o conceito propriamente etnológico de antropofagia ritual [...], e, de outro lado, a antropofagia como conceito metafísico-político oswaldiano, um conceito que implica uma teoria contracultural da cultura, na verdade toda uma contra-antropologia, uma teoria do lugar comum do humano no universo. É a partir dessas diferentes ressonâncias e relações da palavra-conceito de antropofagia enquanto devir não-branco e devir não-humano que visio a filosofia da diferOnça. [...] O conceito como armadilha, e vice-versa. Se a *différance* de Derrida se aproveita do duplo sentido latino, diferir-adiar (temporar) e diferir-separar (espaçar), a diferOnça ameríndia se aproveita do duplo movimento de diferir-absorver próprio do canibalismo: diferir como alterar-se pela incorporação do outro.”

CASTRO, Eduardo Viveiros de. “Rosa e Clarice, a fera e o fora”. *Revista Letras* (UFPR), n. 98, 2018, p. 14.

“A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza: estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem ser peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo. Em virtude do fato de que a América Latina não pode mais fechar suas portas à invasão estrangeira, não pode tampouco reencontrar sua condição de ‘paraíso’, de isolamento e inocência, constata-se com cinismo que, sem essa contribuição, seu produto seria mera cópia — silêncio —, uma cópia muitas vezes fora de moda. Sua geografia deve ser uma geografia de assimilação e de agressividade, de aprendizagem e de reação, de falsa obediência. A passividade reduziria seu papel efetivo ao desaparecimento por analogia. Guardando seu lugar na segunda fila, é, no entanto, preciso que assinale sua diferença, marque sua presença, uma presença muitas vezes de vanguarda. O silêncio seria a resposta desejada pelo imperialismo cultural, ou ainda o eco sonoro que apenas serve para apertar mais os laços do poder conquistador. Falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra.”

SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar do discurso latino-americano. *Uma literatura nos trópicos*. Edição ampliada. Recife: CEPE, 2019, p. 18.

Questão Única:

O que nos permite situar as proposições de E. Viveiros de Castro e S. Santiago no contexto das Teorias Pós-Coloniais, e em que medida pode-se afirmar que as ideias desses autores apresentam uma teoria capaz de interpretar a literatura em condição periférica relativamente aos grandes centros econômicos e/ou de poder na Modernidade?